

Culpa e seus desdobramentos no processo de ajuda

Guilt and its developments in the process of help

Neilson Xavier de Brito

Pós-Graduado em Aconselhamento, Mestrando em Teologia e Pastor

Resumo

Através dessa pesquisa, procuramos apresentar os conceitos teóricos, e compreender alguns processos psicossociais na construção da culpa e suas expressões, os sintomas e dificuldades a ela associados. Aprofundamos também as questões de correlação da culpa e a graça divina e apresentamos a graça e o perdão com a base para uma terapia que auxilie na transformação da culpa. Aplicamos a metodologia do estudo de levantamento centrado nas contribuições específicas sobre o tema, seguindo os critérios de relevância, exequibilidade e oportunidade, além da adaptação dos conceitos adquiridos. Ainda neste estudo, nos aprofundaremos nas análises sobre: a culpa e seus desdobramentos nas inter-relações e sobre os sintomas e dificuldades associadas à culpa neurótica. Como importante contribuição ao campo do Aconselhamento, sobretudo do Aconselhamento Pastoral, proporemos caminhos que possibilitem a libertação através da correlação culpa e graça divina e, portanto, de uma prática do aconselhamento que auxilie na transformação da culpa.

Palavras-chave

Culpa. Aconselhamento Pastoral. Processo de ajuda.

Abstract

Through this research, we present the theoretical concepts and try to understand some psychosocial processes in the construction of guilt and its expressions, symptoms and difficulties associated with it. We also deepen the issues of guilt and its correlation to divine grace and we present grace and forgiveness as the basis for a therapy to assist in the transformation of guilt. We apply the methodology of the survey study focused on specific contributions on the theme, following the criteria of relevance, feasibility and opportunity, through the adaptation of acquired concepts. In this study, we go more deeply into the analysis of guilt and its consequences in interpersonal relations and about the symptoms and difficulties associated with neurotic guilt. As an important contribution to the field of counseling, especially the Pastoral Counseling, we propose ways that allow the liberation through the correlation between guilt and divine grace, and therefore a counseling practice to assist in the transformation of guilt.

Keywords

Guilt. Pastoral Counseling. The process of help.

Considerações Iniciais

A música expressa a alma e as emoções de um povo. É possível conhecer aspectos comportamentais de uma época, de uma sociedade a partir da melodia e da poesia de uma música. Os cantores e compositores de música brasileira, Cazuza e Frejat em “Culpa de Estimação” do álbum solo “Só Se For a Dois” (1987) passam a ideia de que, se não todos, muito de nós temos a nossa “Culpa de Estimação”:

Por onde eu ando levo ao meu lado a minha namorada cheirosa e bem tratada. Não sei se o nome dela é Eva ou Adão. É religiosa por formação, a minha culpa de estimação. [...] É minha companheira inseparável. Sua fidelidade é incomparável E me perdoa por não ter razão a minha culpa de estimação.

Nos dias atuais, ninguém, exceto aqueles que apresentam personalidade psicopática, está livre do sentimento de culpa. Uma infinidade de novos motivos que estimulam o senso de culpa motivou o crescimento desse sentimento a ponto de transformá-lo num tormento. Em várias situações, a culpa está associada ao sofrimento e o sofrimento à culpa.

Segundo Collins, durante séculos, os teólogos e filósofos têm refletido sobre a questão do sofrimento. Por que as pessoas sofrem? Enquanto a maioria das criaturas sofrem apenas dores físicas, os seres humanos sofrem também, a angústia do sofrimento mental e muitas vezes sofremos por coisas que nós mesmos fizemos. Por isso a culpa está por trás da maior parte do sofrimento humano.¹

Buchalla e Zakabi, em “A Culpa de Cada Um”, afirmam que o sentir culpa não é necessariamente ruim nem doentio, mas que cada um faz seus sentimentos é que pode transformar-se em doença. Sensações de culpas naturais como infringir uma regra social ou moral, negar ajuda a um amigo, desrespeitar regras religiosas, são trabalhadas de forma satisfatória desde que o indivíduo não se sinta culpado o tempo todo, quando todo e qualquer problema é remetido a uma culpa maior e inconsciente, transformando-se em neurose. Entretanto, a culpa não neurótica é parte essencial da natureza humana e essencial para estabelecer limites e melhorar o convívio em sociedade.²

O Ministério dos Transportes do Brasil lançou através da agência Link Propaganda em 19.12.2012, visando reduzir o número de acidentes nas estradas, o vídeo “Nos acidentes a culpa é para sempre”. O vídeo mostra uma família feliz que se prepara para uma viagem e uma mensagem que diz: “Sua família não vai esquecer o que você fez por ela”. A viagem começa tranquila, mas o condutor (pai) excede na velocidade e numa ultrapassagem causa um acidente onde morre a esposa e os dois filhos. Contrapondo com

¹ COLLINS, Gary R. *Aconselhamento Cristão*. Trad. Lúcia Marques Pereira da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004.

² BUCHALLA, Ana Paula; ZAKABI, Rosana. *A Culpa de Cada Um*. *Veja*. São Paulo, Ed.1762, p. 73-86, 31 de julho de 2002.

a primeira mensagem: “Sua família não vai esquecer o que você fez por ela” aparece a segunda mensagem: “E você o que fez com eles” - “A CULPA NÃO MORRE NUNCA”. Exemplos como estes são comuns na sociedade, mas a pergunta que fazemos é: “essa culpa não poderia ser transformada?” Como conselheiros, como poderíamos auxiliar esse pai nesse sofrimento causado pela dor?

O sentimento de culpa apresenta uma considerável centralidade na vida das pessoas que solicitam o serviço terapêutico. Collins, ao considerar que a culpa está por trás da maior parte do sofrimento humano, diz: “[...] converse com pessoas deprimidas, solitárias, angustiadas, alcoólatras, doentes terminais e você verá que a culpa faz parte de suas dificuldades”.³ A culpa, portanto, é considerada fator crucial nos problemas trazidos aos conselheiros. Por isso, procuramos produzir um estudo teórico que avance na compreensão da centralidade do sentimento de culpa como motor de dificuldades emocionais e relacionais.

Através dessa pesquisa, procuramos apresentar os conceitos teóricos, e compreender alguns processos psicossociais na construção da culpa e suas expressões, os sintomas e dificuldades a ela associados. Aprofundamos também as questões de correlação da culpa e a graça divina e apresentamos a graça e o perdão com a base para uma terapia que auxilie na transformação da culpa. Aplicamos a metodologia do estudo de levantamento centrado nas contribuições específicas sobre o tema, seguindo os critérios de relevância, exequibilidade e oportunidade, além da adaptação dos conceitos adquiridos.

Ao analisar o “Fenômeno da Culpa e Suas Expressões”, Tournier afirma que se considerando as várias teorias, percebem-se que o que as difere é a interpretação e as definições de culpa, mas todas admitem a validade psicológica da culpa. Também qualifica a culpa de universal e que o homem não vive sem ela, e que uma consciência culpada é uma constante em nossa vida.⁴

Ainda neste estudo, nos aprofundaremos nas análises sobre: a culpa e seus desdobramentos nas interrelações e sobre os sintomas e dificuldades associadas à culpa neurótica. Como importante contribuição ao campo do Aconselhamento, sobretudo do Aconselhamento Pastoral, proporemos caminhos que possibilitem a libertação através da correlação culpa e graça divina e, portanto, de uma prática do aconselhamento que auxilie na transformação da culpa.

³ COLLINS, 2004, p. 158.

⁴ TOURNIER, Paul. *Culpa e Graça*. Uma análise do sentimento de culpa e o ensino do Evangelho. Trad. Rute Silveira Eismann. São Paulo: ABU, 1985.

O Fenômeno da Culpa e Suas Expressões

Culpa é um sentimento que está presente em quase todos os segmentos da sociedade. Nos dias de hoje, ninguém, exceto àqueles com personalidade psicopática, estão livres desse sentimento. Umas infinidades de novos motivadores da culpa inflaram esse sentimento ancestral a ponto de transformá-lo em um dos maiores tormentos da vida moderna.

Gudmundsson em *A agonia da mancha em Lady Macbeth* faz referência à obra de Shakespeare, escrita em 1606, como sendo a mais poética das grandes tragédias. É notório que a partir da morte da rainha Elizabeth, em 1603, a produção literária do autor inglês passou a refletir mais pessimismo que otimismo sendo que grande parte desse pessimismo é demonstrado na culpa de Lady Macbeth.

Algumas bruxas disseram ao nobre Macbeth de Morey que ele seria o rei da Escócia. A partir de então, ele comete uma série de assassinatos para ver a profecia realizada. Em 1040, Lady Macbeth ajuda o marido a matar o rei Ducan I, da Escócia, em uma batalha travada perto de Elgin, e Morey sobe ao trono. Pouco tempo depois, Lady Macbeth entra em uma crise de culpa e adoece. Sempre a mão sempre suja de sangue, mesmo que lavada cuidadosamente vezes seguidas. Começa a delirar e exclama: “Quem diria que o velho [Ducan I] tinha tanto sangue...” E confessa: “Nem todos os perfumes da Arábia jamais limparão esta pequena mão”.⁵

Ainda para o referido autor, culpa e mancha, embora sempre juntas, possuem sensações diferentes. Culpa é aquele “apito” (semelhando ao do guarda de trânsito) que nos faz parar, o aguilhão que nos machuca, o peso que nos oprime, a sirene que não para de tocar. Esse sentimento faz agregar emoções desconcertantes, como medo, vergonha, remorso, baixa autoestima, nervosismo e desespero. A mancha, entretanto, é um problema mais interno que externo. Não aparece, mas não deixa de existir. É uma desagradável sensação de “sujidade”. Já, a culpa seria o perceptível, exteriorizado, o que está à mostra, enquanto, a mancha é o internalizado e subjetivo.⁶ Mas como conhecer melhor esse sentimento ou o fenômeno das expressões da culpa? Qual o melhor método científico para isto?

Triviños, citando Edmund Husserl (1858-1938), afirma que ao designar a filosofia como uma “ciência rigorosa” ele estabeleceu as categorias puras do pensamento científico. Para alcançar esse objetivo, Husserl falou da “redução fenomenológica” através da qual o fenômeno se apresentava puro, livre dos elementos pessoais e culturais, o que denominou de essências. Portanto, apresentou a fenomenologia como um “método” um “modo de ver” o dado, tendo como a ideia fundamental da fenomenologia - a noção da

⁵ GUDMUNDSSON, Bjorgvin. Como se Livrar da Culpa e Mancha. *Revista Ultimato*, Ano LXV, nº 334, Viçosa: 2012. p. 26-27.

⁶ GUDMUNDSSON, 2012.

intencionalidade. Esta intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. Não existe objeto sem sujeito.⁷

Segundo Bello, fenomenologia é constituída por duas palavras de origem grega: “Fenômeno” que significa aquilo que se mostra; não somente aquilo que se aparece ou parece. “Logia” derivada da palavra “logos”, significando palavra, pensamento. Desta forma, Bello define então a fenomenologia como uma reflexão sobre um fenômeno ou sobre aquilo que se mostra.⁸ Diante disso, a culpa constituiu-se em nosso objeto de análise, e esse objeto é sempre objeto-para-um-sujeito. Isto é, ao se estabelecer um estudo fenomenológico sobre a culpa, estabelecemos um contato direto com o fenômeno vivido pelo sujeito pesquisado/atendido.

Observa-se que a literatura israelítica dos Salmos, também, fazem-se registros de expressões de sentimentos de culpa. Os Salmos trazem à tona os gritos da alma e os gritos de alegria, expressos na adoração e no louvor, mas também os gritos de dor, da angústia, do medo e da culpa. O Salmo 51, *Miserere*, segundo Boff, é um clássico exemplo do sentimento de culpa.⁹ Quando Davi diz, expressando culpa,

Compadece-te de mim ó Deus, segundo a tua benignidade; apaga as minhas transgressões, segundo a multidão das tuas misericórdias. Lava-me completamente da minha iniquidade e purifica-me do meu pecado. Pois eu conheço as minhas transgressões e o meu pecado está sempre diante de mim. (Sl 51.1-3)¹⁰

Os Salmos são a psicanálise da história e dos fatos. Desmistificam os personagens sagrados e revelam a alma de forma desnudada, através dos sentimentos conhecidos da literatura judaico-cristã, os Salmos expressam essa variedade de sentimentos pertinentes à alma humana.¹¹ Sentir culpa não é, necessariamente, ruim nem doentio, mas o desdobramento pessoal desses sentimentos é que pode transformar-se em doença.¹² A culpa está por trás da maior parte do sofrimento humano.¹³ E, é responsável por grandes sofrimentos psicológicos, o sentimento de culpa é um dos mais arraigados dentro de nós, escondendo-se atrás de nossas tristezas e frustrações, das nossas insatisfações na vida, de nosso tédio e angústias.

⁷ TRIVIÑOS, Augusto N.S. *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987. p. 42-43.

⁸ BELLO, Ângela. *Introdução à Fenomenologia*. Bauru (SP): Edusc, 2006.

⁹ BOFF, Leonardo. *O Senhor é o Meu Pastor*. Consolo Divino Para o Desamparo Humano. 2. ed. São Paulo: Sextante, 2004.

¹⁰ Os textos bíblicos citados ao longo deste estudo foram extraídos da versão de João Ferreira de Almeida. Cf. BÍBLIA, Português Trad. João Ferreira de Almeida de Acordo com os Melhores Textos de Hebraico e Grego. 4 ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994.

¹¹ D'ARAUJO, Caio Fábio. *No Divã de Deus*. Uma análise Psicoteológica dos Salmos. 4 ed. Niterói: Vinde, 1991.

¹² MASSARO apud por BUCHALLA e ZAKABI, 2002.

¹³ COLLINS, 2004.

Temos falado de culpa e de sentimento de culpa, mas é importante fazermos uma distinção essencial: - Culpa é um fato objetivo; ao cometermos um ato que merece repreensão, tornamo-nos responsáveis por ele, culpados, quer o sintamos ou não - Sentimento de culpa é de ordem subjetiva; alguém pode deixar de sentir culpado por um ato repreensível, assim como se culpar por um ato que não o seja.¹⁴

O fato é que a culpa se faz presente na história humana. Ken Wiber, citado por Poujol, pensador na área da evolução da consciência e criador da psicologia integral, afirma que ficamos oprimidos pela “fronteira” do tempo, dentro do qual estamos sobrecarregados da culpa pelo passado e perturbados por uma ansiedade em relação ao futuro.¹⁵ De acordo com Roger Hurdling, “habitamos ontens e sempre sonhamos com amanhã e, desse modo, prendemo-nos as tortuosas correntes do tempo e aos fantasmas de coisas realmente inexistentes”.¹⁶

Segundo Tournier, a consciência culpada é a constante da nossa vida e afirma também, que uma educação mais rígida, constitui um cultivo intensivo desse sentimento de culpa.¹⁷ Ele, ainda, qualifica a culpa de universal e que o homem não vive sem ela. De certa forma, portanto, essa culpa seria consequência de um determinismo “sartreano”: a nossa vida não é nada além do que tenhamos feito, posição contestada por Tournier, que acreditava ser tudo quanto queríamos fazer, todo o potencial nebuloso que carregamos dentro de nós, que colabora para a presença da culpa. Sendo assim, a culpa não seria tão somente a consequência dos atos praticados, mas, também, de atos que não puderam ser realizados/praticados. Não somente o que “eu fiz”, mas àquilo que “eu não fiz” serve de base para a culpa. Por isso precisamos procurar compreender as origens desse sentimento.

Freud começou a investigar o sentimento de culpa a partir de duas situações clínicas: neurose obsessiva e melancolia. Compreendia que a culpa não é boa nem má, mas é a sua fonte que pode transformá-la em destrutiva ou não.¹⁸ A ideia de culpa perpassa toda a obra freudiana. Em 1894, fala de culpa quando escreve sobre as neuropsicoses de defesa e em 1907 - em *Atos Obsessivos e Práticas Religiosas* sugere que o sentimento inconsciente de culpa está por trás dos rituais e cerimoniais próprios da prática religiosa e da neurose obsessiva.¹⁹ Compreenda-se que uma neurose é caracterizada por ter sua

¹⁴ POUJOL, Jacques; Claire. *Manual de Relacionamento de Ajuda*. Conselhos práticos para aconselhamento psicológico e espiritual. Trad. Norma Cristina Guimarães Braga. São Paulo: Vida Nova, 2006.

¹⁵ WIBER apud POUJOL, 2006.

¹⁶ HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura*. Modelos de Aconselhamento e de Psicologia. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

¹⁷ TOURNIER, 1998.

¹⁸ POUJOL, 2006.

¹⁹ PEIXOTO, Carlos Augusto. *O Sentimento de culpa sob a ótica freudiana*. Fev/2009. PUC - Rio, Certificação Digital nº 0710419/CA.

origem em um conflito interior inconsciente, e na interpretação de Jung “a neurose é uma doença, porque não é consciente de seus problemas”.²⁰

Segundo Freud a culpa surge nos primeiros anos de vida - Complexo de Édipo, desenvolvendo-se normalmente, possibilitando ao indivíduo o limitar seus impulsos instintivos, mas que num grau exacerbado, dependendo da história de cada pessoa, pode se transformar em complexo de culpa e tornando-se fonte de angústias terríveis.²¹ Caracterizando a culpa como um mal-estar que surge em razão da falta de orientação do indivíduo para o seu agir, Freud, em 1930, definiu o mal-estar como sendo essencialmente sensação de culpa e o caracterizou como entrave ao projeto civilizatório.²² Entretanto, a psicanálise concorda que a culpa é essencial para estabelecer limites e possibilitar o convívio em sociedade. O remorso é a única forma de fazer alguém aceitar a ética e a moral impostas pela cultura de cada povo.²³

Poujol conclui que para Freud, o sentimento de culpa é ambivalente: pode ser mórbido e nascer do recalque (ou repressão), como, também, pode ser são, válido e moral, se for a expressão do “Eu” que, em nós, significa um verdadeiro poder de exame e de julgamento. Para Freud, não há meio direto de combater a culpa. Podemos somente fazer dela, aos poucos, um sentimento consciente.²⁴ Em *Algumas Teorias Sobre a Culpa*, Poujol, ainda, apresenta outras teorias de vários autores sobre este sentimento. Alfred Adler associa a culpa ao sentimento de inferioridade que habita em nós, bem como ao desejo de poder total. C.G. Jung relaciona a culpa a autoaceitação; e o conflito em relação a si mesmo. Jacques Lacan afirma que o sujeito se sente culpado todas as vezes que cede ao seu desejo. Portanto, a culpa estaria ligada ao desejo e ao lugar que o sujeito ocupa na ordem do significante de seu desejo. Culpa é a expressão da falta, o significante da “finitude”. Mélanie Klein e D. W. Winnicott, ao analisar a relação mãe e bebê (colo), afirma nascer à culpa desse sentimento de ambivalência afetiva e que se bem administrado pelos pais, não será fonte de sofrimento na fase adulta.²⁵

Lewis Engel e Tom Ferguson, citados Poujol, apontam o altruísmo excessivo e mal dirigido como fonte de culpa. O sujeito sente-se culpado por se sentir incapaz de ajudar. Henri Bergson afirma ser a culpa a relação dos atos com a consciência. Martin Buber, ao

²⁰ TOURNIER, Paul. *Mitos e Neuroses*. Desarmonia da vida moderna. Trad. Yara Tenório da Motta. São Paulo: ABU Editora. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 21.

²¹ BUCHALLA e ZAKABI, 2002.

²² GASPAR, Taís Ribeiro. O sentimento de culpa e a ética em psicanálise. *Psyche*, São Paulo, v. 11, n. 20, p. 47-65, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psyche/v11n20/v11n20a04.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

²³ BUCHALLA e ZAKABI, 2002.

²⁴ POUJOL, 2006.

²⁵ POUJOL, 2006.

lado de uma culpa neurótica, evoca uma culpa autêntica que está sempre implicada na violação de uma relação interpessoal EU - TU.²⁶

Para Bruce Narramore, nos sentimos culpados por causa do Eu ideal e o nosso EU punitivo. O Eu ideal é estabelecido antes dos 20 anos pelo conjunto de objetivos, de ideais e aspirações, construído pela influência daqueles que nos são próximos e de nossa consciência. O Eu punitivo, é a voz do “pai interior” de quem absorvemos os ideais e os métodos punitivos: a) Medo de um castigo: se errarmos seremos punidos; b) a vergonha, a dignidade, a perda da autoestima. Em função disso, temos a incapacidade de relaxar e; c) o medo de ser rejeitado, abandonado. Quando me comporto de tal forma, sou rejeitado.²⁷

Tournier suscita uma questão relevante em relação à culpa, que é a questão da “verdadeira culpa” e “falsa culpa”. O que significa exatamente estes termos? Reportamos mais uma vez a Freud que define o sentimento de culpa como efeito de um constrangimento social. Isso acontece com a alma da criança que ao receber uma repreensão dos pais, tem como consequência o desenvolvimento de um sentimento de angústia, mas que é superado pela criança. Entretanto, essa experiência poderá servir de raiz para um sentimento de “culpa funcional” resultado da sugestão social, do medo dos tabus, do medo de perder o amor dos outros o quê viria a ser a “falsa culpa” afirma que essa “falsa culpa” seria sinônimo de “culpa neurótica”.²⁸

A “falsa culpa”, portanto, resulta de pressões psicológicas e sociais. A “verdadeira culpa” consiste na recusa de evoluir, e assumir a plenitude de si mesmo, bem como a totalidade da responsabilidade. É uma culpa de si mesmo, em relação a si mesmo. Portanto, a distinção entre “falsa culpa” e “verdadeira culpa” não é tão somente a distinção entre um mal imaginário ou um mal real causado a outrem. Mas trata-se de saber que a condução foi contrária a um padrão.²⁹

A culpa está por trás da maior parte do sofrimento humano. Conhecer e distinguir os diferentes tipos de culpas se faz necessário para compreendê-la no processo de ajuda. A Culpa Objetiva divide-se em: 1. Culpa Legal - resultante da violação das leis da sociedade; 2. Culpa Teológica - quando envolve falha em obedecer às leis de Deus; 3. Culpa pessoal - violação dos próprios padrões pessoais e resiste aos apelos da consciência e; 4. Culpa Social - quebra das regras não escritas, mas socialmente aceitas. A Culpa Subjetiva caracterizada pelo remorso, vergonha e autocondenação. Os sentimentos podem ser apropriados - quando transgredimos uma lei ou impróprios - quando não proporcionais à gravidade do ato.³⁰ Considerando-se as várias teorias, percebemos que o que se difere

²⁶ POUJOL, 2006.

²⁷ POUJOL, 2006.

²⁸ ODIER apud TOURNIER, 1998, p. 73.

²⁹ TOURNIER, 1985.

³⁰ COLLINS, 2004.

nelas é a interpretação e as definições de culpa, mas todas admitem a validade psicológica da culpa.³¹

A Culpa e seus Desdobramentos nas Interrelações – Sintomas e Dificuldades

É possível que exista uma sociedade sem culpa, Peixoto afirma que a falência das grandes instituições sociais e o chamado declínio moral e da lei veem conduzindo o indivíduo, que se encontra, cada vez mais, avesso às relações intersubjetivas, a exercer seus instintos sexuais e agressivos de forma não só impune como cultuada, ou seja, sem culpa.³² Mas seria possível uma sociedade sem culpa? Para Freud, o sentimento de culpa é elevado à categoria do inevitável, do necessário e da condição “sine qua non” de qualquer civilização ou arranjo cultural, mas, este sentimento, está em baixa no mundo contemporâneo.

Zygmunt Bauman contraria esse pensamento e percebemos em seu artigo, O desafio ético da globalização, que sua definição de globalização, apresenta a tese de que somos todos dependentes uns dos outros, que as distâncias pouco importam e que não se pode dar voltar atrás “marcha ré” no processo de globalização. E em relação à culpa, diz o seguinte:

Faz só meio século, que Karl Jaspers podia separar nitidamente a “culpa moral” (o remorso que sentimos quando fazemos algum dano a outros seres humanos, por alguma a atitude tomada e por algo que deixamos de fazer) e a “culpa metafísica” (a culpa que sentimos em relação a outros seres humanos, ainda que não estejamos em absoluto ligados às nossas ações). Esta distinção tem perdido seu sentido com a globalização. A frase de John Donne: “nunca pergunte por quem dobram os sinos; eles dobram por ti” representa como nunca a solidariedade do nosso destino, ainda que esteja distante de influenciada pela solidariedade dos nossos sentimentos e ações. Quando um ser humano sofre pela falta de dignidade, pobreza ou dor não pode ter a certeza da nossa inocência moral. Não podemos declarar que não sabíamos, nem estarmos seguros de que não havia nada a fazer em nossa conduta que pudesse impedir ou pelo menos amenizar a dor daqueles que sofrem. Talvez, individualmente possamos ser impotentes, porém poderíamos fazer algo unidos. E este esforço comum está cheio de indivíduos e pelos indivíduos.³³

Em *Confiança e Medo na Cidade*, Bauman, também, afirma que hoje se formulam previsões apavorantes e fatalistas, e o progresso representa a ameaça de uma inexorável e inevitável mudança que não promete paz nem repouso, mas crises e tensões contínuas, sem um segundo de trégua, uma espécie de “jogo das cadeiras” no qual um segundo de

³¹ TOURNIER, 1998.

³² PEIXOTO, 2009.

³³ BAUMAN, Zygmunt. El desafío ético de la globalización. Artículo diário *El País*, 20/07/2001. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2001/7/20opinion/9955.80025_85021.html>. Acesso em: 10 ago. 2013.

distração pode levar à derrota irrevogável, a exclusão sem apelo, em outras palavras: “ser deixado para trás”.³⁴ Aquino, ao afirmar que Bauman denominou a ética na Pós-Modernidade como a “Era da Moral”, chama atenção às palavras do filósofo polonês:

Se não houver essa força e essa autoridade, os seres humanos estarão abandonados ao seu próprio juízo e à sua própria vontade. E estes, como os filósofos argumentam e os pregadores tentam fazer com que as pessoas entendam, podem dar à luz apenas o pecado e o mal; como os teólogos nos explicaram de forma tão convincente, não se pode confiar neles para produzir com comportamento correto ou fazer passar um julgamento correto. Não pode haver algo como ‘uma moral eticamente infundada’; e ‘uma moralidade autofundada’, é gritante e deploravelmente, algo infundado do ponto de vista ético. De uma coisa podemos ter certeza: não importa quanta moralidade haja ou possa haver numa sociedade que tenha reconhecido estar sem chão, sem propósito e diante do abismo atravessado apenas por uma frágil prancha feita por convenções, ela pode apenas ser uma moral infundada.³⁵

Diante dos dilemas da sociedade Pós-Moderna, percebe-se que uma sociedade sem culpa está distante da realidade humana. Collins afirma que a culpa está por trás da maior parte do sofrimento humano. Diz ainda o referido autor: “converse com pessoas deprimidas, solitárias, angustiadas, membros de famílias violentas, homoafetivos, alcoólatras, doentes terminais, pessoas que estão passando por crises conjugais ou qualquer outro tipo de problema, e você descobrirá que a culpa faz parte de suas dificuldades”.³⁶ Este autor diz ser necessário entender, que os sentimentos de culpa são fundamentais para a compreensão dos desajustes psicológicos. Portanto, entende-se que o sentimento de culpa está presente na relação humana e daí a necessidade de compreender seus desdobramentos, sintomas e dificuldades.

Buchalla e Zakabi afirmam que sentir culpa não é necessariamente ruim nem doentio e a questão é o que cada um faz com seus sentimentos, daí o transformar-se em doença. A culpa é parte essencial da natureza humana e é fundamental, segundo a Psicanálise, para estabelecer limites e possibilitar o convívio em sociedade. O remorso seria a única forma de fazer alguém aceitar a ética e a moral impostas pela cultura de cada povo.³⁷

A culpa está associada à consciência moral das pessoas. É o resultado do senso de vergonha, do prejuízo causado a nós mesmos e aos outros. As pessoas sem consciência moral não sentem culpa, pois eles não internalizaram os valores essenciais que servem de

³⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e Medo Na Cidade*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. p. 52.

³⁵ BAUMAN, 2009, p. 32-33. Cf. AQUINO, Sérgio Ricardo Fernandes de. *Ética e Moral no Pensamento de Bauman. Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 1, n. 2, 2001.

³⁶ COLLINS, 2004.

³⁷ BUCHALLA e ZAKABI, 2002.

freio aos seus impulsos.³⁸ Retornamos aqui ao pensamento de Bauman, para salientar que o ser moral não significa ser “bom” ou “mau”, mas lidar com as consequências produzidas pelas nossas ações diante - e junto com o - Outro. Significa saber que as coisas podem ser boas ou más. Mas não significa saber, muito menos saber com certeza, quais são as coisas boas e quais são as coisas más. Ser moral, significa tender a fazer certas escolhas sob condições de agudas e dolorosas incertezas.³⁹

Ruge e Lenson em *A Síndrome de Otelo* ao comentarem sobre *Reconciliação ou Rompimento: O poder de curar nossos relacionamentos* fazem a seguinte indagação:

Mas a culpa é totalmente ruim? Não necessariamente, embora na maioria das vezes nós a encaremos como uma força negativa que incorpora conceitos de remorso, censura, arrependimento e até mesmo fracasso. A culpa também pode ser saudável. Como muitas emoções desagradáveis da vida, ela frequentemente dirige nossa atenção para áreas que precisam “ser trabalhadas” e onde temos maior potencial para progredir e crescer. Quando a culpa é usada como um incentivo para que analisemos e corrijamos nosso relacionamento, ela às vezes pode ajudar a nos orientar a reavaliar nossas atitudes. [...] Vivenciar a emoção da culpa nunca nos traz felicidade, mas, no fundo, geralmente atua de maneira saudável, enviando-nos sinais de advertência que nos dizem que violamos nossos valores ou promessas que fizemos a nós mesmos. A culpa pode servir como incentivo positivo para nos manter voltados aos nossos valores essenciais.⁴⁰

Tournier citado por Poujol distingue dois tipos de culpa: 1. A culpa-valor, que é legítima, útil, verdadeira e provém da consciência de ter transgredido leis divinas, e a 2. Culpa-função, que é falsa, e resulta de pressões sociais, medo de tabus ou temor de perder o amor dos outros.⁴¹

Lotufo distinguiu também dois tipos de culpa, classificando-as como: culpa autêntica e culpa artificial:

Na culpa autêntica predomina a tristeza. Ela se manifesta quando fazemos inadvertidamente alguma coisa que magoa uma pessoa querida. [...] Você não deveria ter esquecido o compromisso. Sente-se culpado ou triste. Normalmente, porém é possível remediar as coisas - e aqui está um ponto importante da culpa autêntica: ela induz às ações reparadoras. De fato, uma vez cometido o erro em questão é cuidar para não repeti-lo. Reparar o erro, se possível, e tocar para frente. Isso é saudável, de nada adiantaria ficar remoendo coisas na cabeça; não leva a nada de proveitoso, pois nesse caso a culpa se torna culpa artificial - uma autoagressão sem sentido.

³⁸ COSTA, Noel José Dias da, *Sentimentos Humanos e a Bíblia*, 2012. Disponível em: <<http://www.historiasbiblicas.advir.com/sentimentos%20humanos%na%20biblia/cul>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

³⁹ AQUINO, 2011.

⁴⁰ RUGE, Kennet; LENSON, Barry. *A Síndrome de Otelo*. Trad. Cláudia Gerp Duarte. Rio de Janeiro: Bestseller, 2006.

⁴¹ POUJOL, 2006.

Autoagressão, essa é de fato a melhor definição para a culpa artificial, produzidas pelos pensamentos negativos que ficamos ruminando, e às vezes por muito tempo. Um sinônimo adequado é “remorso” palavra que se deriva do latim *mordeo* = morder, e que se relaciona a “morder de novo” ou figuradamente “torturar-se”. Se na culpa autêntica predomina a tristeza, na artificial o que prepondera é a ansiedade (uma forma de medo), que por sua vez, gera variedades artificiais de tristeza.⁴²

Tournier considera a consciência culpada uma constante em nossa vida, e muitas vezes são constantemente colocadas nas mentes dos fracos pelo comportamento dos outros, por suas afirmações, por seus julgamentos, pelo desprezo, mesmo pelas censuras mais injustas. Para Tournier, a sugestão social - culpa social, é fonte de inumeráveis sentimentos de culpa.⁴³ Muitas vezes sentimos culpa por não pertencermos ao mesmo padrão social e o dinheiro se torna fonte de inúmeras culpas e culpas contraditórias. Essa questão social é tão relevante na origem do sentimento de culpa, que Freud afirma que o sentimento de culpa seria somente o efeito de um constrangimento social. Pujol apresenta alguns indícios do sentimento de culpa, geralmente de forma não transparente, escondidos atrás de alguns comportamentos repetitivos, que às vezes são pouco difíceis de detectar:

1. Sentimento de indignidade - não se julga merecedor de qualquer mérito.
2. Autopunição - transforma a felicidade em infelicidade.
3. Autorrecriação. Não sabe receber palavra de afeto ou elogio
4. Sua vida se resume a deveres/compromissos. Não se permite ao prazer.
5. Sua capacidade de ação é paralisada pela carga da culpa.
6. Insegurança em relação aos outros. Dificuldade relacional.
7. Altruísmo excessivo a ponto de comprometer a sua liberdade.
8. Compensação através de presentes para ausência ou sentimento de raiva.
9. Crítica resultante da projeção inconsciente dos próprios erros.
10. Problemas de sexualidade resultantes de culpa.
11. Quando confessa os pecados a Deus é para se punir, enraizar sua indignidade condenar - se e não receber perdão divino.⁴⁴

Além desses problemas apresentados, Pujol ainda relaciona alguns distúrbios psiquiátricos, tais como: a autoacusação melancólica, a paranoia, as psicopatias, a

⁴² LOTUFO Jr. Zenon. Reflexões sobre o Amor Incondicional. *CPPC*. Disponível em: <http://www.cppc.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=295&Itemid...>. Acesso em: 21 jun. 2012, p.1.

⁴³ TOURNIER, 1985.

⁴⁴ POUJOL, 2006, p. 172-173.

neurose.⁴⁵ Collins, ao abordar as causas da culpa, diz que a culpa objetiva surge quando violamos padrões morais e leis civis, teológicas e/ou sociais.⁴⁶ Raramente alguém procura aconselhamento apenas por causa da culpa objetiva, e sim por questões ligadas à culpa subjetiva. Mas, por que as pessoas sentem culpa?

As razões podem ser muitas: Experiências passadas e expectativas irreais. Os conceitos individuais de certo ou errado, bom e mau geralmente se formam na infância. [...] Em algumas famílias os padrões são tão rígidos e tão altos que a criança quase nunca tem sucesso. [...] Quase sempre às crianças aceitam os padrões de seus pais e líderes religiosos. Quando os padrões são impraticáveis, o jovem começa a achar que tem que ser perfeito, e estabelece padrões inatingíveis e mergulha em sentimentos de culpa e autoacusação quando, inevitavelmente, vem a fracassar. Os sentimentos de culpa são uma forma de castigar-se. [...] Inferioridade e pressão social. É difícil saber se o senso de inferioridade gera sentimento de culpa, ou se é o sentimento de culpa que produz a sensação de inferioridade. [...] Mau desenvolvimento da consciência. [...] As consciências podem ser fracas, mas é possível fortalecê-las e alterada pelos ensinamentos e ações de outras pessoas. [...] Influências sobrenaturais. A culpa teológica objetiva e os sentimentos de culpa subjetiva tinham entrado na criação de Deus. Agora a criação conhecia o bem e o mal.⁴⁷

A culpa teológica tem marcado com muita dor, a caminhada de muitos. É uma experiência diuturna para muitos. Para escapar da culpa, da vergonha e do escândalo, muitos homens tomam providências inúteis.⁴⁸ Mas a remoção da culpa não se dá de qualquer maneira. Ela só acontece depois da confissão e esta só vem após a plena consciência do pecado. Nessa direção, Wondracek indaga: “A questão central é: queremos passar a vida expiando nossas culpas ou queremos ficar livres desse peso?”⁴⁹ Por que desfrutamos de tão pouca graça em nossas práticas religiosas? Será que nossas neuroses nos impedem de acolher na alma a mensagem da graça?

A Correlação Culpa e Graça Divina - Caminhos de Libertação

Ageu H. Lisboa, em *Culpa Patológica - o incômodo que nos acompanha*, afirma no que diz respeito às culpas do dia a dia, que existem as reais e as imaginárias, as fabricadas e as neuróticas. Contudo, há também esperança para quem sofre de culpabilidade patológica.⁵⁰

⁴⁵ POUJOL, 2006, p. 174.

⁴⁶ COLLINS, 2004.

⁴⁷ COLLINS, 2004, p. 161.

⁴⁸ GUDMUNDSSON, 2012.

⁴⁹ WONDRAECK, Karin H.K. *Caminhos da Graça*. Identidade, crescimento e direção nos textos da Bíblia. Viçosa- MG: Ultimato, 2006. p. 25.

⁵⁰ LISBOA, Ageu Heringer. Culpa Patológica: O incômodo que nos acompanha. *Revista Ultimato*, Ano XLV, nº 334. Jan/Fev 2012.

Para Freud, a culpa é o entrave do processo civilizatório.⁵¹ E não há um meio direto de combatê-la, apenas podemos fazer dessa culpa, e aos poucos, um sentimento consciente.⁵² Será que para o sujeito que se sente culpado a única alternativa seria, tão somente, a consciência dessa culpa?

Dalgalarrondo afirma que há certo consenso entre cientistas sociais, filósofos e psicólogos sociais de que a religião é uma importante instância de significação e ordenação de vida, de seus reverses e sofrimentos. O autor acima diz que o medo da morte, a dor da vida, precisam de Deus e da fé n'Ele para viver, sejam quais forem as suas manifestações, para que as pessoas sigam vivendo. De fato, fora de nós Deus tornar-se-ia um desabrigado. Ainda a respeito da religiosidade, o referido autor diz que a religiosidade é um "ser particular", uma "qualidade funcional" da humanidade.⁵³

Em seu livro "Influências da Religião sobre a Saúde Mental", Lotufo Neto faz uma referência a Pfister que considerava a função da religião como alívio da culpa. Os sentimentos de culpa são interpretados como uma agressividade dirigida contra si mesmo, resultantes dos conflitos internos entre o ego e o ego-ideal da consciência. Segundo este autor, quanto mais rigorosa for a educação doméstica, mais forte será a culpa, e especialmente no sexo feminino, e que a culpa é usada pelas igrejas como meio de controle, no interesse da religião e do controle social.⁵⁴

Entretanto, o mesmo autor diz: as crenças religiosas podem gerar paz, autoconfiança e sensação de propósito na vida, ou o oposto: culpa, depressão e dúvidas. O sentimento religioso pode beneficiar o indivíduo a perdoar a si mesmo e aos outros, desenvolver autoconceitos emocionais mais saudáveis e uma doação menos egoísta de si mesmo. Por outro lado, dependendo da "Imagem de Deus" que ele tenha, poderá transformar-se num superego exigente e com expectativa de punição, o que resultaria num sujeito mais propenso a culpa. A pergunta que nos fazemos é: estaria na religiosidade/religião o caminho de libertação para culpa? Esta, talvez, seja uma solução simples para um problema complexo, até porque, muitos apontam a religião como causa e não como fonte libertadora da culpa.

AzpitarTE refuta as críticas formuladas à moral e à religião pela psicologia, dizendo que até podem ser objetivas, mas são denúncias resultantes das deformações produzidas por uma falsa educação ou pelas condições peculiares de quem a recebeu. Por isso, é dever do pesquisador buscar as principais causas que originaram essa culpa.⁵⁵

⁵¹ GASPAR, 2007.

⁵² POUJOL, 2006.

⁵³ DALGALARRONDO, Paulo. *Religião, Psicopatologia & Saúde Mental*. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

⁵⁴ LOTUFO NETO, Francisco; LOTUFO Jr. Zenon & MARTINS, José Cássio. *Influências da Religião Sobre a Saúde Mental*. Santo André: ESETec, 2003.

⁵⁵ AZPITARTE, Eduardo López. *Culpa e Pecado*. Responsabilidade e Conversão. Trad. Gentil Avelino Titton. Petrópolis: Vozes, 2005.

Sem dúvida, não podemos deixar de lado o papel da religiosidade nas intervenções no processo do sentimento de culpa. A religião humana é universal e a sua história é uma tentativa de desenvolver mecanismos funcionais de redução da ansiedade, que seria a causa da experiência humana da religião. A ansiedade seria uma reação ante um perigo imaginário, o que também originaria culpa. A natureza e o potencial criativo dos homens no manejo dessa ansiedade definem o seu potencial religioso.⁵⁶

O fato é que a ansiedade seja ela, proporcional ou desproporcional, consciente ou subconsciente, muitas vezes é irracional e se manifesta através de pressões irracionais, com a finalidade de aliviá-la, não solucionado o problema, mas, sim, complicando-a ainda mais.⁵⁷ A religião é processo de reduzir a profunda ansiedade, que também é fator originador de culpa, pelo perigo que nossa vida corre e alcançar a profunda tranquilidade da salvação, vida eterna. Segundo Ellens, o problema de toda a história da religião, o que explica o fato de nem sempre ser a religião uma caminho de libertação, está segmentadas em dois blocos: 1. Aquelas que partem do pressuposto de que Deus está ao nosso favor e 2. Aquelas que partem do pressuposto de que Deus está contra nós.

É a religião que apresenta um “Deus ameaçador” que representa uma escravidão psicológica, representação, no mínimo, motivadora da culpa. Lutero superou então essa religião de um “Deus ameaçador” chegando a um posicionamento de uma confiança radical na graça incondicional. “A graça é maior do que todos os nossos pecados”.⁵⁸

Para Ellens, só o autêntico judaico-cristianismo apresenta um evangelho da graça. A única exceção a esta tragédia psico-espiritual geral da história humana é a teologia judaico-cristã da graça.⁵⁹ Yancey assegura que, distribuir a graça de Deus, a quem chama de “a última palavra perfeita” é a principal contribuição cristã, mesmo numa sociedade que parece estar se desviando de Deus.⁶⁰ Tournier enfatiza que a característica peculiar de uma religião como o cristianismo é representada por uma fé que remove a culpa, através da crença na redenção, no perdão e na graça.⁶¹

Se a culpa está por trás da maior parte do sofrimento humana, a graça de Deus seria o caminho a ser trilhado para uma libertação e não somente uma “acomodação” de uma consciência culposa. A culpa que os homens não são capazes de erradicar a despeito dos sacrifícios, das penitências, dos remorsos e dos arrependimentos vãos, Deus mesmo apaga.⁶² Então o caminho da libertação estaria na graça e não somente na religião que pode libertar ou esmagar, culpar ou libertar da culpa, dependendo da maneira a ser

⁵⁶ ELLES, Harold J. *Graça de Deus e Saúde Humana*. Trad. Elzy Regina Souza de Carvalho. 2. ed. S. Leopoldo: Sinodal, 1986.

⁵⁷ ELLENS, 1986.

⁵⁸ ELLENS, 1986, p. 19.

⁵⁹ ELLENS, 1986.

⁶⁰ YANCEY, Philip. *Maravilhosa Graça*. Trad. Yolanda M. Krievin. 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 2007.

⁶¹ TOURNIER, 1985.

⁶² TOURNIER, 1985.

vivenciada. Em várias situações a religião está firmada no castigo/punição. O castigo é justamente essa culpa intolerável, esta culpa não confessada, recalcada, amarga, e que sentida como uma maldição e um abandono. Todos os sentimentos geram medo, rejeição, insegurança - culpa opressora.

Tournier, discorrendo sobre a graça, a culpa e rejeição ou transferência da culpa, afirma:

É natural ao homem jogar a sua culpa sobre alguém e sobre Deus, mas não se liberta da culpa dessa forma. [...] O peso da culpa é tão intolerável que todos os homens apresentam este reflexo e de autojustificação, que a psicologia moderna descreve sob o termo científico de “repressão da consciência”, que quer dizer reprimir a culpa até a inconsciência, fora do campo da consciência. [...] diante dos conflitos gerados pela culpa, duas soluções abrem-se a cada um dos adversários: jogar reponsabilidade sobre o outro ou tomar consciência de suas próprias responsabilidades. A primeira joga de um lado para o outro o conflito - deslocamento da culpa; a segunda pode levar a uma solução verdadeira; a primeira pode ser entremeada de incrementos pacíficos, mas só a segunda pode assegurar paz. [...] A tomada de consciência da culpa envolve arrependimento e o arrependimento de um homem, não é um estado estável, mas um movimento, uma reviravolta, e o perdão de Deus não é um atributo estático, mas um movimento, um impulso. Não podemos separar a consciência da culpa da consciência do perdão, pois condenaríamos o homem a não se compreender. Ao homem esmagado pela consciência de sua culpa, a Bíblia oferece a certeza de perdão e graça.⁶³

Piper, em *Graça Futura*, levanta um questionamento entre a graça imerecida e condicional. Diz ele: “[...] percebi que as noções populares da graça encontram-se tão distorcidas e difusas que alguns ensinamentos bíblicos são quase incomunicáveis”.⁶⁴ Por exemplo, o conceito bíblico da graça imerecida e a graça condicional são quase ininteligíveis a muitos cristãos contemporâneos que pressupõem a incondicionalidade como essência de toda a graça. cremos que Tournier, simplifica e esclarece essa questão quando diz que a graça é para os humildes (humildade - condicional da graça) e não para os autossuficientes.⁶⁵

Assim, um revés, uma derrota grave, o desabamento de um mundo majestoso pode ser o caminho necessário a um renascimento. Para cada um de nós, um fracasso pode se tornar a oportunidade de uma reviravolta sobre si mesmo e de um encontro pessoal com Deus.⁶⁶ Maldonato, ao fazer referências aos traumas, as crises ou perdas, reafirma que

⁶³ TOURNIER, 1985, p. 168.

⁶⁴ PIPER, John. *Graça Futura*: O caminho para prevalecer sobre as promessas enganosas do pecado. Trad. Valdemar Kroker. São Paulo: Shedd Publicações, 2009.

⁶⁵ TOURNIER, 1985.

⁶⁶ TOURNIER, 1985.

podem funcionar como força motriz/motivadora para mudanças de sistemas e atitudes. Crises causam rupturas e exigem novas formas de funcionamento.⁶⁷

Para Wondracek, a característica essencial da graça divina é que ela só pode ser vivenciada por aqueles que têm consciência que são pecadores. Parafraseando a parábola do “Filho Pródigo” pergunta: “Quantos passam a vida apascentando porcos, escravizados pelos sentimentos de culpa e pela exigência de novos rituais?”⁶⁸

Yancey, em *Maravilhosa Graça*, narra uma história escrita por Karen Blixen, com o pseudônimo Isak Dinesen - “A Festa de Babette.” Em que Babette após perder marido e filhos durante a guerra civil francesa, chega numa noite fria e chuvosa à casa de Martina e Philippa para se abrigar como empregada. As irmãs não tinham dinheiro para pagar pelo trabalho de Babette que ali permaneceu em troca de quarto e comida. Babette nunca falava de seu passado na França.⁶⁹

Depois de doze anos, Babette recebe uma carta da França e foi informada que havia sido sorteada na loteria francesa. Seu prêmio? Dez mil francos. O velho pastor pai de Martina e Phillipa estaria completando cem anos e Babette, que nunca havia pedido nada durante doze anos, disse: “Agora, porém tenho um pedido: gostaria de preparar uma refeição para o culto de aniversário. Quero cozinhar uma verdadeira refeição francesa”.

Babette fez todas às compras necessárias para o jantar e em 15 de dezembro finalmente o jantar foi servido. Comida similar, segundo um general convidado, só poderia ser encontrada em um só lugar na Europa, no famoso Café Anglais de Paris, o restaurante que já fora célebre por ter uma mulher como chefe de cozinha. Babette tinha sido essa chefe de cozinha. Babette usou os dez mil francos para fazer esse jantar. O equivalente ao que custaria um jantar para doze pessoas no Café Anglais.⁷⁰

No discurso do General Loewenhielm, ele é enfático em dizer:

A festa de Babette não é apenas a história a respeito de uma excelente refeição, mas uma parábola da graça: um presente que custa tudo para o doador e nada para quem recebe” Todos nós fomos informados de que a graça deve ser buscada no Universo. Mas em nossa loucura humana e nossa visão reduzida, imaginamos que a graça divina seja finita. [...] Mas chega o momento em que nossos olhos são abertos e vemos e entendemos que a graça é infinita. “A graça, meus amigos, não exige nada de nós a não ser que a aguardemos com confiança e a reconheçamos com gratidão.”⁷¹

⁶⁷ MADONATO, Jorge E. *Crises e Perdas na Família: consolando os que sofrem*. Trad. Carlos “Catito” Grzybowuki. Viçosa: Ultimato, 2005.

⁶⁸ WONDRAECK, 2006.

⁶⁹ YANCEY, 2007.

⁷⁰ YANCEY, 2007.

⁷¹ YANCEY, 2007, p. 22.

Exatamente, a graça é um presente que custa tudo para doador e nada para quem recebe. Só o cristianismo atreve-se a dizer que o amor de Deus é incondicional. A graça é gratuita apenas porque o próprio doador pagou o preço. Convém lembrar que o Evangelho da graça começa e termina com o perdão, que esse perdão é definido por Henri Nouwen como o “perdão praticado entre duas pessoas que amam defeituosamente”.⁷²

Segundo Ellens, a teologia da graça assegura que Deus está comprometido com a cura humana, mas a experiência do perdão se faz presente em todas as expressões da graça divina.⁷³ Yancey buscando responder a indagação: “Por que perdoar?” nos apresenta duas colocações:

Primeiro: O perdão é a única alternativa que pode deter o ciclo da culpa, da dor, interrompendo a prisão da ausência da graça. A palavra grega mais comum para perdão no Novo Testamento significa, literalmente, soltar, jogar para longe, libertar-se. Muitas vezes nos deixamos tomar pelo ressentimento - sentir de novo, que se torna um ciclo contínuo ininterrupto. O ressentimento nos remete ao passado, liberando-o muitas e muitas vezes, arrancando, cada nova casca, de modo que a ferida nunca sara. O perdão, portanto, oferece essa saída permitindo um relacionamento renovado.

Não perdoar nos aprisiona ao passado, excluindo todo o nosso potencial de mudança. Perdoamos não apenas para cumprir uma lei mais elevada de moralidade, mas fazemos isso por nós mesmos.

Segundo: O perdão pode nos aliviar da força opressora da culpa sobre aquele que comete atos muito condenáveis. O poder da graça é transformador, sobrenatural. Quebra o ciclo da culpa e desata a força opressora do pecado. Reconhecemos que o perdão é difícil. É um ato nada natural. Há por trás, sempre, uma ferida muito dolorida. Mas quando concedemos perdão, quebramos o ciclo da ausência da graça, que sempre deixa estática a história de qualquer vida. O perdão pode até ser injusto. Aliás, perdão é para quem não merece, mas ele interrompe a cadeia da retribuição. O perdão autêntico, lida com o mal que está dentro do coração - o que gera culpa.

Quando encontramos a graça, encontramos o caminho da libertação da culpa. Graças ao perdão, encontramos a condição básica para a transformação da culpa.

Por um Aconselhamento que Auxilie na Transformação da Culpa

Em: “A Correlação entre Culpa e Graça - Caminhos de libertação” procuram seguir um dos princípios da Fenomenologia em que a consciência e o objeto são entidades isoladas, separadas na natureza, mas que se configuram respectivamente a partir de sua correlação, e que fora dessa correlação, não haveria nem consciência nem objeto.

⁷² YANCEY, 2007.

⁷³ ELLENS, 1986.

A jornada que agora iniciamos, tem haver com o aconselhamento/terapia que auxilie na transformação desse sentimento de culpa. A culpa é o terreno onde religião e psicologia geralmente se encontram.⁷⁴ Segundo Tournier, a questão da culpabilidade cotidiana atrai a atenção de médicos e terapeutas, porque está ligada ao relacionamento com os outros, às críticas/julgamentos alheios, ao desprezo social e ao sentimento de inferioridade, remorso, consciência pesada, vergonha, constrangimento, inquietação, confusão, timidez e até modéstia. Deduz ainda o autor, que há um elo entre todos esses termos e não há fronteiras bem delineadas, e ainda denomina de “confuso” o elo que liga a falsa culpa e a verdadeira culpa. Cita também os psicanalistas que comparam a alma humana a um iceberg cuja maior massa está submersa, escondida debaixo do nível da consciência, o que tornaria o senso de culpa ainda maior.⁷⁵

Para Ellens, a teologia e a psicologia são ciências independentes, mas não alheias um da outra em qualquer sentido inerente, e conclui:

Teologia e fé são processos cognitivos- emocionais. Assim sendo, sua função para o mal ou para o bem deve ser mais relevante em distúrbios de origem cognitiva ou emotiva. Isso significa que dinâmicas e perspectivas saudáveis na teologia e fé afetarão a saúde potencial do terapeuta e do paciente em tais distúrbios psicossociais. Dinâmicas religiosas podem ser um pouco menos relevantes em psicopatologias de origem químico-orgânica, apesar de que mesmo aí uma teologia e fé saudáveis podem ter valor imensurável no trato da sintomatologia. Portanto, preocupações em relação à perspectiva teológica, ao compromisso de fé, à experiência religiosa e à maturidade espiritual, estão se tornando cada vez mais questões terapêuticas vitais.⁷⁶

Durante muitos anos houve uma cisão entre psicoterapia e religião. Qualquer assunto ligado à crença religiosa era ouvido com respeito, mas colocado à margem pelo psicoterapeuta, pois esse assunto era de competência das instituições religiosas. Essa relação era vista como incompatível e até o final do século XIX a ideia corrente era de que as crenças religiosas e espirituais eram completamente diferentes e até inferiores ao pensamento científico. Não poderia haver convergência entre ciência e religião. No entanto, o pensamento pós-moderno passou a compreender a religião e espiritualidade como aspectos importantes da experiência humana. Por isso, a psicoterapia possibilita a construção de um diálogo entre a psicologia e a religião, possibilitando que os clientes religiosos possam sentir-se respeitados e acolhidos em suas dores e dilemas.⁷⁷ Dessa ideia partilha Ellens, quando afirma sobre a importância da graça de Deus para a saúde humana. Conclui ainda o referido autor:

⁷⁴ COLLINS, 2004.

⁷⁵ TOURNIER, 1985.

⁷⁶ ELLENS, 1985. p. 90,93.

⁷⁷ BRUSCAGIN, Cláudia et al. *Religiosidade e Psicoterapia*. São Paulo: Roca, 2008.

A psicologia humanista e secular tem provido percepções valiosas em relação à sintomatologia, dinâmica e distúrbios centrais da psique e da alma humana. Descrições seculares de distúrbios de caráter e personalidade alcançaram profunda precisão. No entanto, a perspectiva cristã é indispensável para iluminar a raiz do problema e mostra a cura para o nosso terror humano e nossa esperança comum.⁷⁸

Buchalla e Zakabi, numa referência a religiosidade, diz que nos dias de hoje, o confessor, como forma de expiar culpas, faz muita falta ao homem contemporâneo. James Hollis, diretor do Centro de Estudos Jung de Houston- EUA disse: “que em algumas situações o terapeuta cumpre a função de sacerdote/religioso e ouve a confissão da pessoa. Mas ele não age como representante divino e não pode oferecer graça, nem perdão”. Para o filósofo Mario Sérgio Cortella, ao contrário do que se imaginava, o mundo moderno abriu um vazio que só a prática religiosa tem sido capaz de preencher.⁷⁹

Para Collins, o conselheiro cristão quando aconselha pessoas que se sentem culpadas, pode com mais facilidade, em função do treinamento recebido, lidar com valores, perdão, redenção e outras questões teológicas. Culpa é uma questão moral e os sentimentos de culpa surgem de fracassos morais. É um engano supor que a culpa é apenas “um sintoma que pode ser facilmente eliminado”.⁸⁰ Culpa tende a ser destrutiva. Sendo o nosso propósito um aconselhamento que auxilie na transformação da culpa, o que vem a ser aconselhamento?

Molochenco define aconselhamento como um serviço ao próximo.⁸¹ Baldissera, em *Serviço de Escuta*, relata uma sociedade competitiva que empurra o ser humano para um isolamento emocional e afetivo, onde vale o ditado: “Cada um por si e Deus por todos”.⁸² Essa enorme carga emocional a ser suportada, faz aflorar vários sintomas do estresse e alguns deles, relacionados à culpa. Nesse ambiente social marcado pelo corre-corre, as pessoas não são ouvidas. Elas precisam ser ouvidas com respeito e atenção naquilo que são afligidas. Molochenco afirma que aconselhamento consiste em uma ação de ajuda com o intuito de curar, sustentar, orientar, encaminhar e reconciliar pessoas problemáticas para saírem de seus problemas e retornem à vida. Molochenco define ainda, de modo geral, aconselhamento como uma ajuda que alguém, com certa preparação, presta ao outro por meio de relacionamento de cuidado. É também importante ressaltar, que o aconselhamento não é processo mecânico, mas de relacionamento interpessoal. É uma relação pessoa - ajudador.⁸³

⁷⁸ ELLENS, 1985, p. 83.

⁷⁹ BUCHALLA e ZAKABI, 2002.

⁸⁰ COLLINS, 2004.

⁸¹ MOLOCHENCO, Silas. *Aconselhamento*. Curso da Vida Nova de Teologia Básica. São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁸² BALDISSERA, Deolindo Pedro. *Serviço de Escuta*. Manual de Procedimentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁸³ MOLOCHENCO, 2008.

Precisamos lembrar que apesar de toda aproximação entre a psicoterapia e a religião, a religião ainda é vista com restrição, especialmente nas terapias que envolvam a culpa. Tournier diz que é pelo medo de serem julgados, que muitos procuram um médico ou psicoterapeuta não cristão. Ao terapeuta cristão, com ou sem razão, se atribui um espírito de julgamento.⁸⁴ A virtude da psicoterapia é a virtude do não julgamento.

Collins nos apresenta quatro conceitos que o terapeuta cristão precisa ter em mente quando se dispõe a ajudar pessoas com sentimento de culpa.⁸⁵ Libertar-se da falsa culpa é um processo de fôlego, mas a recompensa é grande.⁸⁶ Precisamos, então, compreender que muitas vezes esse processo de transformação de culpa, é dolorido para quem se submete ao processo. Por isso o nosso caminho como conselheiro é encarnar o “Deus do Perdão”. A nossa pastoral? É a maravilhosa graça. Os quatro conceitos de Collins servirão de escopo à terapia aplicada.

Compreensão e aceitação

Pessoas com sentimentos de culpa frequentemente esperam rejeição e condenação dos outros. Por isso, podem chegar para o aconselhamento com uma atitude de autodefesa ou autoacusação. “Desnudar-se do EU” num processo terapêutico não é fácil. É natural que as pessoas cheguem um tanto “caramujo”. Wondracek diz que o lado perdido, nesse caso afetado pelo sentimento de culpa pode indicar algo escondido ou inconsciente.⁸⁷ As pessoas ocultam as dimensões que lhes causam problemas e reprimem muitos impulsos e fantasias - medo da censura e rejeição. Mas o preço é muito alto, pois quando a pessoa se afasta da sua vida emocional corre o risco de se tornar desalmada e não perceber que a sua vida está cada vez mais enrijecida e pobre. A psicoterapia será de grande valia nessa reaproximação da vida emocional.

Nesse processo, antes de tudo, o conselheiro deve avaliar o que ele mesmo pensa sobre a culpa. Como avalia a culpabilidade. Qual é a sua reação quando parece não haver consciência de erro e nenhum traço de vergonha ou tristeza? Estou pronto para ouvir com ouvidos, olhos e coração? Não devemos minimizar o pecado cometido, nem assumir uma atitude de superioridade moral.

Segundo o desenvolvimento de uma estratégia terapêutica cristã em coerência com a teologia da graça, incluirá as seguintes práticas:

1. Aceitação incondicional do terapeuta pelo aconselhando em qualquer momento de sua patologia.

⁸⁴ TOURNIER, 1985.

⁸⁵ COLLINS, 2004.

⁸⁶ POUJOL, 2006.

⁸⁷ WONDRACEK, 2006.

2. Empatia profunda pelo aconselhando. Significa o “mergulhar” na alma do outro. É uma encarnação empática da graça representada por uma linguagem verbal e não verbal da aceitação incondicional de Deus.
3. Possibilitar a sensação de partilha na busca da integridade em que ambos estão envolvidos.
4. Tornar claro no processo terapêutico que o próprio conselheiro tem dificuldades com a sua própria condição humana.
5. As possibilidades e as expectativas referentes à integridade do aconselhando, segundo a percepção de mundo.
6. O pano de fundo será o status de “compatriota de Deus” por parte do aconselhando.
7. Técnicas de aconselhamento bem fundamentadas. Capacitação técnica.
8. Respeito às condições de saúde e necessidades do aconselhando.
9. Eficiência da terapia avaliada a partir de progressos na área física, emocional, intelectual e espiritual.⁸⁸

Para Ellens, a atuação clínica parte da perspectiva que os homens espelham a imagem de Deus, que ele, conselheiro, precisa aceitar o paciente da mesma forma que Deus o aceita e que essa aceitação seja incondicional.⁸⁹ Fazer-se compreender que o pecado é muito mais um fracasso do destino do que um fracasso do dever, e dessa forma, fica mais fácil para o aconselhando alcançar a integridade, contribuindo assim, para vencer a culpa, o remorso, a ansiedade, a falta de esperança, o luto, a autopiedade, a baixa autoestima e a compulsividade neurótica, restituindo ao aconselhando o senso de dignidade e liberdade. Esta atitude, provavelmente removerá o pânico do conselheiro diante da responsabilidade.

O ambiente terapêutico deve oferecer confiança, transferência e condições propícias para se correr risco. Esse espaço possibilitará ao conselheiro e aconselhando manifestarem senso de humor em relação a si mesmo, suas patologias e seu potencial. Tudo isto contribuirá para a autoaceitação por parte do aconselhando, da sua finitude.

Lotufo, em *Reflexões Sobre O Amor Incondicional*, cita Jung quando em palestra a um grupo de pastores disse que é impossível ajudar alguém a mudar, para melhor, a não ser através da aceitação: não podemos mudar seja o quer for, a menos que o aceitemos. Acrescenta que a regra vale para nós mesmos; não podemos mudar para melhor, nem crescer como pessoas através de cobranças que estabelecem condições para autoaceitação, nem com autocríticas negativas, que resultam de não conseguir satisfazer essas exigências.

⁸⁸ ELLENS, 1986.

⁸⁹ ELLENS, 1986.

“A aceitação de si mesmo é a essência do problema moral e o centro de toda uma concepção de mundo”.⁹⁰ A verdadeira celebração do eu é resultado de um profundo e verdadeiro amor ao eu, uma autoaceitação genuína e alegre, uma autoestima autêntica. “É bom ser eu mesmo... estou feliz por ser eu”.⁹¹

Collins finaliza dizendo que a nossa tarefa não é condenar nem esperar que os sentimentos de culpa do aconselhando possam ser eliminados à sua vontade. Em vez disso, devemos nos aproximar dos outros com uma atitude de amor e muita vontade de ajudar.⁹²

Discernindo a natureza do problema

Aconselhar alguém que se sente culpada, nem sempre é tão simples. Algumas pessoas não sabem por que se sentem culpadas. Outras admitem sinceramente suas ações e pensamentos errados, mas os sentimentos de culpa permanecem. Outras, não expressam tristeza ou remorso.

Um dos desafios da psicoterapia é ajudar o aconselhando a compreender as forças internas e a influência que elas exercem sobre ele. Perguntas como: Existe algo em sua vida que faça com que você se sinta culpado? O que? Como você lidou anteriormente com os sentimentos de culpa? O que o ajudou naquela época? O que atrapalhou? Quais eram os conceitos de certo ou errado de seus pais? O que acontecia quando você fracassava?

Bleger diz que todo ser humano tem a sua personalidade sistematizada em uma série de pautas ou em um conjunto ou repertório de possibilidades, e são estas que esperamos que atuem ou se exteriorizem durante a entrevista. A entrevista, portanto, funciona com uma situação em que se observa parte da vida do aconselhando, que se desenvolve em relação a nós e diante de nós. Muitas vezes, informações importantes emergem através do comportamento não verbal do aconselhando.⁹³

É importante para o conselheiro esse processo de discernimento para a identificação da qualidade da culpa - falsa culpa ou culpa verdadeira, real ou neurótica, segundo Wondracek que define culpa neurótica como um aglomerado de culpas e repressões, muitas delas inconscientes, que têm sua origem em desejos e culpas infantis e interferem no amadurecimento emocional e espiritual.⁹⁴ Tournier diz que a autorrecordação levará o aconselhando a penetrar mais profundamente em si mesma e tornar-se mais consciente do inconsciente - aquilo que está por trás.⁹⁵ Nesse processo de

⁹⁰ LOTUFO, 2012, p. 1-2.

⁹¹ POWEL, John. *O Segredo do Amor Eterno*. São Paulo: Paulinas, 1990.

⁹² COLLINS, 2004.

⁹³ BLEGER, José. *Temas de Psicologia. Entrevistas e Grupos*. Trad. Rita Maria M. de Moraes. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

⁹⁴ WONDRACEK, 2006.

⁹⁵ TOURNIER, 1985.

discernir a natureza do problema, o conselheiro pode se deparar com uma aconselhando que já apresente psicopatologias comportamentais, por isso se faz necessária a preparação e a busca da competência técnica.

Francisco Lotufo e Zenon Lotufo, em *Uma Teoria Teleológica das Emoções*, discriminando Responsabilidade e Culpa nos apresenta esse relevante comentário:

É de fundamental importância para o êxito da terapia que se tenha em mente a distinção entre assumir a responsabilidade pelo próprio comportamento (e pela própria vida) e assumir culpa. Na terapia de pessoas com autoestima seriamente prejudicada, atribuir-lhes a responsabilidade pelo que lhes está acontecendo de ruim agrava a situação. Colocar a responsabilidade no “subconsciente” ou no “ego” (no sentido que dão ao termo algumas correntes orientais de pensamento) ou, com faz a Análise Transacional, em uma “criança interna”, pode ser recurso útil, no sentido de mostrar que os problemas podem ser consequências das suas próprias atitudes e comportamentos ao mesmo tempo em que se evita que se sintam culpadas. A terapia será direcionada então, para a compreensão e modificação desses fatores - internos mais estranhos ao eu real sendo possível tratar alguns transtornos psíquicos - como é caso da maioria das fobias - através de técnicas ou drogas apenas, sem interferir com a personalidade propriamente dita. Na maioria dos casos, contudo, não pode haver verdadeiro crescimento pessoal sem investimentos na modificação da personalidade o que, por sua vez, implica em questões de valores e no assumir responsabilidades, ou seja, adquirir controle.⁹⁶

Ellens, em *Encaminhamento à Psicoterapia - Princípios Gerais para Pastores*, é enfático em orientar que o primeiro princípio de cuidado pastoral em casos de aconselhamento é saber quando se deve encaminhar o aconselhando a um terapeuta (especializado).⁹⁷

A grande valia desse processo - Discernindo a natureza do problema é ajudar os aconselhados a descobrirem por que se sentem culpados e permitir a identificação dos mecanismos de defesa, reações de autocondenação, medo de punição ou outras reações ligadas à culpa. Será que a pessoa está buscando atingir alvos impossíveis?

Educação moral

Um dos desafios do aconselhamento é possibilitar aos aconselhados reexaminarem seus conceitos de certo e errado, o que pode levar muito tempo. Na realidade, estaremos ajudando o aconselhando a descobrir a causa de seu sentimento de culpa e dessa forma, identificando o tipo de culpa - falsa ou verdadeira. Em que base está construída aquilo que Ellens qualifica de dinâmica frustrante e sentimento de total impotência face aos problemas morais e a ameaça causada pela própria moralidade.⁹⁸

⁹⁶ LOTUFO, 2012, p. 6.

⁹⁷ ELLENS, 1986.

⁹⁸ ELLENS, 1986.

Ouvimos que uma criança anos: “minha mãe foi embora porque eu me comportei mal.” Ora, aquela mãe foi embora por conta de problemas psicopatológicos aliados a dependência química. O sentimento de culpa daquele menino é um sentimento de falsa culpa.

Parte dos problemas da culpa está extremamente ligada aos conceitos herdados de certo ou errado, e a uma religiosidade desvirtuada da graça divina, muito contribui para isso. A “fonte” que bebemos da água da moralidade tem muito haver com a nossa sede. Se o padrão de vida/moralidade/perfeição a ser atingido nos foi apresentado de forma utópica/inalcançável é lógico que o resultado do fracasso será frustrante e poderá acarretar culpa. Por isso, precisamos de uma teologia sadia, uma teologia da Graça.

No aconselhamento, precisamos nos avaliar constantemente nessa questão de certo ou errado, sob a pena de tornarmo-nos, segundo Ellens, arrogantes, e apesar da nossa empatia e pena dos aconselhados, virmos a considerar que eles são merecedores daquela amargura causada pela culpa. Somos conselheiros e não juizes. Em parte a terapia implica na quebra de alguns vínculos e entre eles, podem estar os conceitos herdados sobre o certo e o errado.⁹⁹

A avaliação dos conceitos de certo e errado é um dos passos necessários daquilo de Tournier chama de reversão da culpa.¹⁰⁰ Estabelecer a oposição entre a culpa do fazer e o ser nos ajudará a compreender melhor as Escrituras e desconstruir que religião é o que não se deve fazer. À culpa do fazer se ligam todos os tabus e toda uma atitude moralista, cujos efeitos patogênicos são denunciados pela psicologia. O tabu é uma proibição mágica: “Isto é impuro, não toque; isto é proibido, não faça.” Tabus são proibições carregadas de angústia ameaçadora. O moralismo procede disso, é a criação de código rigoroso de proibições, de um código. Outra questão ainda levantada é a da angústia neurótica, porque podemos cometer um pecado sem saber, sem má intenção.

Cumpra-nos, na condição de conselheiros cristãos, mostrar aos nossos aconselhados, que está em Jesus Cristo à solução do problema da culpa, a partir do momento que perdemos a esperança nos sairmos bem com Deus a partir dos nossos próprios esforços, pela observância de uma moral limitada por mais rigorosa que ele seja. “O arrependimento é a porta para graça”.¹⁰¹

Arrependimento e perdão

Collins diz que a solução definitiva para a culpa e para os sentimentos de culpa é admitir a nossa dor, sofrimento, fracasso e culpa, confessar nossos pecados a Cristo e, se necessário, a outras pessoas; orar, pedindo perdão e desejar, sinceramente, o

⁹⁹ ELLENS, 1986.

¹⁰⁰ TOURNIER, 1985.

¹⁰¹ TOURNIER, 1985, p. 139.

arrependimento e mudança de comportamento, e internalizar o perdão que Deus se nos oferece em Cristo.¹⁰²

Somos conselheiros que professam a fé cristã, e quando somos procurados, isto é, do conhecimento pleno do aconselhando. Crabb entende que todo conceito de aconselhamento bíblico deve ser fundamento na premissa de que realmente há um Deus pessoal e infinito que Se revelou por iniciativa própria na palavra escrita; a Bíblia, e pessoalmente, na palavra viva; Jesus Cristo.¹⁰³ Conforme o testemunho de ambos, o problema básico do ser humano é a sua separação de Deus e que o único caminho para reencontrar esse Deus é através de Cristo. Quando concordamos com Deus que somos pecadores, e abraçamos à sua graça, nos arrependemos somos trazidos para um relacionamento íntimo com Deus. Precisamos crer nisso.

Para Yancey, o perdão é a única alternativa que pode deter o ciclo da culpa, da dor, interrompendo a prisão da ausência da graça. Pela senda da justiça humana, o perdão é injusto. Ele não se resolve com um: “Sinto muito”. O perdão é dolorosamente difícil. É aceitar um prejuízo, às vezes, descaradamente causado. Muitas vezes o “pano de fundo” por trás de um ato de perdão jaz uma ferida de traição que não desvanece tão fácil. Mas quando eu tomo a iniciativa eu quebro o ciclo da ausência da graça. O perdão interrompe a dedicação cega da retribuição: mal por mal - amargura, desprezo, anulação do indivíduo, indiferença, morte relacional.¹⁰⁴ Collins nos chama atenção para quatro problemas que poderão persistir mesmo o aconselhando entenda o que a Bíblia ensina sobre a culpa e o perdão¹⁰⁵:

Primeiro; “não consigo pedir perdão”. Não é tarefa de o conselheiro forçar essa situação. Perdoar, muitas vezes, significa assumir o papel principal e não simplesmente o de coadjuvante. Cabe ao conselheiro ajudar ao aconselhando descobrir a importância e quão significativa é a experiência do perdão; segundo: “não me sinto perdoado”. Os sentimentos de culpa podem não desaparecer de uma hora para a outra. A culpa, diz Tournier, é sempre subjetiva.¹⁰⁶ Trata-se de nosso pecado e não do pecado dos outros. O arrependimento é a porta para a graça e a falta do autoperdão impede esse acesso. Ao homem esmagado pela consciência de sua culpa, a Bíblia oferece a certeza de perdão e graça, mas nem sempre é fácil internalizar esse preceito. É provável, que tenhamos que forçar a necessidade do perdoar-se a si mesmo em vários momentos da terapia; terceiro: “eu sei que Deus me perdoou”, mas “não consigo perdoar aos outros”. Em algumas situações o “outro” é o suporte/escape para a nossa transferência de culpa. Retirar de cena essa base, pode significar “retirar o chão” de quem tinha uma visão equivocada da culpa.

¹⁰² COLLINS, 2004.

¹⁰³ CRABB, Laurence J. *Princípios Básicos de Aconselhamento Bíblico*. Trad. Elizabeth Stawell Charles Gomes. Brasília (DF): Refúgio Ed. 1984.

¹⁰⁴ YANCEY, 2007.

¹⁰⁵ COLLINS, 2004.

¹⁰⁶ TOURNIER, 1985.

E agora, eu não tenho mais a quem culpar/responsabilizar? Agora eu sou o único ator no palco da vida. Em outras ocasiões não aceitamos o prejuízo. Cremos que caberá ao conselheiro voltar a conversar sobre a graça e o perdão e o partilhar com o outro essa bênção restauradora; e, quarto, como perdoar se não consigo esquecer?" Só Deus é capaz de perdoar e esquecer. As lembranças voltarão em algumas situações, mais o poder será minimizado pela ação da graça. Isso precisa ser partilhado no aconselhamento. Perdoar preciosa vir em primeiro lugar. Depois, as lembranças, serão apenas lembranças.

Considerações Finais

É possível que exista uma sociedade sem culpa? Ainda que possamos perceber a degeneração de algumas instituições, o declínio moral e da lei que tem estimulado aos homens a viverem cada vez mais seus instintos sexuais e de agressividade com relativa impunidade e até mesmo cultuando-a. A pesquisa realizada a partir de uma metodologia pautada no levantamento bibliográfico do tema constatou que a culpa e os seus sentimentos, ainda que estejam em baixa no mundo contemporâneo, estão presentes na sociedade pós-moderna.

A culpa está presente na história humana e novos agentes motivadores têm colaborado para que a culpa seja um dos seus tormentos, pois associada ao sofrimento humano tem causado dores, angústia e sofrimento mental, que em muitos casos tem resultado em psicopatologias. Somente uma personalidade psicopática estaria imune desse sentimento de culpa.

Sentir culpa não é necessariamente ruim ou doentio, mas os desdobramentos desse sentimento, seus sintomas e dificuldades, poderão desencadear psicopatologias. O sentimento de culpa é um dos mais arraigados dentro de nós, escondendo-se atrás de nossas tristezas e frustrações, das nossas insatisfações na vida, de nosso tédio e angústias.

Considerando a relevância do tema, buscamos o aprofundamento de estudo uma vez que temos como meio demandante de ajuda, pessoas pertencentes às comunidades religiosas, nas quais o controle de comportamento é dado, fundamentalmente, pela repressão aos sentimentos considerados negativos e por um padrão idealizado de conduta. Tais mecanismos de controle geram um alto grau de sentimento culposos, que além de gerarem sintomas psíquicos, atingem também as relações interpessoais, a espiritualidade e os aspectos físicos das pessoas. Por isso, procuramos produzir um estudo teórico que avançasse na compreensão da centralidade de sentimento de culpa como motor de dificuldades emocionais e relacionais.

Apontar a religiosidade como resposta para o problema da culpa seria uma solução simples para um problema complexo, uma vez que, a religião é apontada como causa e não como fonte libertadora da culpa. Para Ellens, a graça divina é o caminho para

libertação da culpa, e só autêntico judaico-cristianismo apresenta o evangelho da graça.¹⁰⁷ A teologia da graça nos assegura que Deus está comprometido com a cura humana e que, segundo Yancey, o perdão é a única alternativa que pode deter o ciclo da culpa, da dor, interrompendo a prisão da ausência da graça. Graça e perdão são condições básicas para a transformação da culpa.¹⁰⁸

Buscar “um Aconselhamento que Auxilie na Transformação da Culpa” passa a ser o nosso desafio. Não buscamos tão somente o deslocamento ou a acomodação consciente da culpa, mas à sua transformação, e para isso, uma terapia centrada na graça e no amor incondicional de Deus. Cremos que a questão da culpa precisa ser retirada “da gaveta” em nossas instituições eclesíastica. Ela está presente em meio ao nosso povo e causando muita dor. Muitas vezes, essa dor causada pela culpa é remoída por outro sentimento de culpa que implica na experiência religiosa. “Se sou salvo, por que ainda tenho culpa?” Será que Deus ainda não me perdoou?

Na realidade, a culpa acompanha o cristão mesmo após a conversão, deixando-o ainda mais sensível. Por isso, não devemos separar a consciência da culpa da consciência de perdão. Se separarmos, condenamos o nosso aconselhando a não se compreender.

Na medida em que o aconselhando aprofunda sua relação com Deus, a sensação de culpa longe de ser deslocada, ela é aguçada. Ao longo de mais de três décadas de vivência pastoral em meio ao povo, tenho observado que muitos ainda se sentem condenados pelos sentimentos de culpa. O povo precisa falar. Expressar seus sentimentos. Não podemos tratar essa questão com superficialidade. Na medida em que estimulamos a auto recordação, motivaremos a penetrar mais profundamente em si mesmo, tornando-se mais consciente daquilo que está inconsciente. Há um grito “silencioso” de socorro que não está sendo percebido. Muitas ovelhas estão machucadas na carne e na alma em razão da culpa. Precisamos “encarnar” graça em nossas ações pastorais, e especialmente no aconselhamento.

A pesquisa empreendida nos motivou a buscar maior aprofundamento do tema, não apenas na área teológica, mas especialmente para o aconselhamento cristão. O conselheiro tem a grande oportunidade de não colocar-se como juiz diante daquele que sofre por conta do sentimento de culpa.

“Culpa e Seus Desdobramentos No Processo de Aconselhamento” abre novas oportunidades de pesquisa na terceira idade, situações que envolveram aborto, nos leitos hospitalares diante da possibilidade da morte, do confronto da sexualidade com educação moral-religiosa, da frustração causada nas crianças por conta da idealização dos pais, do choque comportamental dos adolescentes, dos acidentes de trânsito, da questão da

¹⁰⁷ ELLENS, 1986.

¹⁰⁸ YANCEY, 2007.

solteirice ou da maternidade. Ainda há muitos segmentos “subterrâneos” numa sociedade marcada por culpas, muitas delas não concebidas.

[Recebido em: agosto de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]